

ENTRE A MEMÓRIA E A CIDADE: A CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO URBANO DE NATAL NAS CRÔNICAS DE CÂMARA CASCUDO

Annaterra Teixeira de Lima (IFRN)

RESUMO: O presente artigo pretende analisar as crônicas do escritor potiguar Luís da Câmara Cascudo, produzidas durante os anos de 1924 a 1929 nos jornais *A Imprensa* e *A República*, com o objetivo de refletir o espaço urbano na cena literária modernista norte-rio-grandense. Nessa perspectiva, a leitura das crônicas de Câmara Cascudo privilegiará o espaço urbano como um discurso que alcança a História e o imaginário, ressaltando a representação das cidades como símbolo social e cultural da modernidade.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, Natal, Modernismo.

ABSTRACT: This article aims to analyze the chronicles of the potiguar writer Luis da Câmara Cascudo, written during the years of 1924 to 1929 in the newspapers *The Press* and *The Republic*, in order to reflect the urban space in the modernist literary scene of the Rio Grande do Norte state, in Brazil. In this perspective, the reading of Câmara Cascudo chronicles mainly focus the urban space as a discourse that reaches the History and the memory, pointing the representation of the cities as social and cultural symbols of modernity.

Keywords: Câmara Cascudo, Natal, Modernism.

Relatos sobre as cidades sempre fizeram parte do imaginário do homem. Desde os diários de viagens dos navegantes em suas descobertas, passando pelas obras literárias em prosa e verso, até as crônicas dos jornais, as cidades oferecem enredos vários, contados e recontados no tempo.

Na Literatura, na Arquitetura, na História, a cidade é portadora de imagens e discursos, visíveis e invisíveis, que compõem o espaço de moradia dos homens e de suas memórias. O olhar literário, sobretudo, além de abordar a história cultural do urbano, pluraliza lugares e recria o real, “[...] produzindo no espaço do texto, antitexto, efeitos de dissimulação e de fuga, possibilidades de passagens e outras paisagens” (CERTEAU, 1998, p.188).

Dentro de uma cidade, é possível reconhecer o movimento de tempos distintos: em cada presente podem tomar forma projetos de retorno ao passado, assim como imagens que se alimentam do futuro. Em outras palavras, os espaços urbanos do presente são constituídos de indivíduos que atuam nas cidades vivendo suas vidas rotineiras, mas também de gente que rememora o seu passado e planeja o seu futuro. O

passado, nesse contexto, pode ser entendido como uma forma de reconstruir a cidade, sobretudo ao aproximar os homens e suas histórias, rememorando as vidas esquecidas pelo progresso. Dessa forma, a construção e planejamento de uma cidade abarcam mais que o elemento técnico e material, sendo também resultado das subjetivações existentes no cotidiano, nos moradores, nas memórias.

Isto posto, não é desacertado afirmar que as cidades são construções sociais impregnadas de símbolos e representações que se revelam pela “[...] percepção de emoções e sentimentos dados pelo *viver urbano* e também pela expressão de utopias, de esperanças, de desejos e medos, individuais e coletivos” (PESAVENTO, 2007, p. 14 - grifo do autor) de uma sociedade. Ou, consoante assinala Calvino (2003, p. 7), a cidade é feita das “relações entre as medidas de seu espaço e os acontecimentos do passado”. Assim, a cidade pode ser entendida como o lugar no qual se imprime a história do urbano e se preserva a memória do seu repertório coletivo.

Nessa perspectiva, refletir sobre as representações do espaço urbano na cena literária significa considerar a cidade como um discurso que alcança não apenas os aspectos físicos e geográficos que compõem a narrativa, mas também os dados culturais, os costumes, os espaços, os tipos humanos e toda a simbologia em que se cruzam o imaginário, a história e a memória.

Foi com o desejo de capturar o tempo e o espaço, “[...] nos encontros sucessivos com pessoas e coisas, pensamentos e paisagens” (CASCUDO, 1998, p. 31), que o intelectual Luís da Câmara Cascudo, ao longo do século XX, desenvolveu uma escritura que tinha como cenário a cidade do Natal. A fim de registrar as transformações – e contradições – que cercavam o espaço urbano da capital do Rio Grande do Norte, Câmara Cascudo escreveu regularmente nos jornais *A Imprensa* e *A República*, oferecendo aos seus leitores, da época e futuros, verdadeiros retratos do ambiente em que estava inserido. Mediante os seus textos, somos convidados a revisitar uma cidade repleta de memórias que constroem o que somos hoje, por meio de um olhar nostálgico que nos conduz por ruas, histórias e tradições de uma sociedade em transição. Dentro desse universo, analisaremos a sua produção durante os anos de 1924 e 1929.

No espaço rememorado por Cascudo, acompanhamos a construção de significados sobre a história de uma cidade, assim como a construção da própria cidade em meio às transformações urbanas, nos permitindo, com isso, uma leitura dos acontecimentos da época, abrangendo tanto as mudanças urbanísticas quanto as de costumes, conforme depreende-se do texto “O Novo Plano da cidade I: a cidade”:

Oficialmente existe a Cidade do Natal há tresentos e trinta anos. Relativamente parece com este título há oito ou nove anos. Ou melhor, imita cidade recém fundada, se o enviesamento das artérias não denunciasse a velhice.

O “chão elevado e firme” onde se plantou a cidade é a praça André de Albuquerque. A Ribeira permaneceu sempre um mixto de commercio e de casas raras que as grandes cercas distanciavam. O Potengy, caminho de venda para Pernambuco, abrigou a fila de casinhas seguindo o curso. A conquista do leste é moderníssima [...].

O que Natal apresenta actualmente é a ligação dos três “blocos” iniciais com a teia de aranha das ruas irracionais. Depois da André de Albuquerque, descendo para o rio, a tortuosidade das ruas lembra um delírio de linhas convulsas (CASCUDO, 2011, p. 106).

O Plano da cidade sintetiza a história urbana de Natal, articulando uma narrativa do passado com as mudanças que definem o futuro da mesma. As linhas convulsas a que se refere Cascudo são uma das muitas imagens evocadas pelo escritor para falar das transformações da cidade durante o modernismo. Para ele, “As rectas traçadas afoitamente são atitudes modernas ou exigências imperiosas duma situação topographica que não concentiu que a indiferente atenção dos homens desvirtuasse o que naturalmente estava feito” (CASCUDO, 2011, p. 107).

O elemento urbano tem lugar privilegiado entre os escritores modernistas, e não seria diferente com o autor potiguar, a quem coube a tarefa de divulgar as novidades do movimento artístico-literário no Rio Grande do Norte, conforme salienta Araújo (1995, p. 44): “[...] foi a vertente modernista a que encontrou neste estado a possibilidade de se manifestar de forma mais organizada, devido ao surgimento da figura de Luís da Câmara Cascudo”.

Câmara Cascudo foi o principal representante da vanguarda modernista em Natal, visto seu empenho em sistematizar e produzir uma literatura essencialmente potiguar. Na maior parte dos casos, sua escrita fundamenta-se em registros literários e culturais nos quais o regional e o urbano se fundem, resultando em textos que têm como objetivo principal retratar a realidade local com as suas personagens e os seus costumes. Para o folclorista, assinala Araújo (1998, p. 58), a modernidade consistia em redescobrir o país “[...] através da representação dos elementos formadores da sua cultura, e, ao mesmo tempo, descrever como um contraponto os elementos da modernização social que se inaugura”.

O Rio Grande do Norte, na década de 1920, passava por transformações de várias dimensões: políticas, sociais, administrativas e culturais. Apoiada no modelo

civilizador da *Belle Époque* europeia, a cidade do Natal começava a sofrer as influências do modernismo, com reflexo sobre a vida cotidiana dos seus habitantes, em especial das suas elites. Essas transformações correspondiam a uma nova experimentação do viver na cidade que afetaram “[...] desde a ordem e as hierarquias sociais até as noções de tempo e espaço das pessoas” (SEVCENKO, 1998, p. 7). Isso aconteceu em um momento em que a cidade do Natal buscava afirmar-se, mostrar-se cosmopolita. A esse respeito, discorre Araújo (1995, p. 21):

No Rio Grande do Norte, os anos 20 foram marcados por diversas mudanças na vida política, na economia, nas relações sociais, na cultura e na literatura. Em Natal, capital do estado, a produção cultural foi atingida por essas mudanças, resultando no processo uma diminuição da relação de dependência quase exclusiva que existia, até então, entre a esfera cultural e a esfera do poder político local.

Em busca da civilidade dos grandes centros urbanos, a elite natalense ansiava por uma cidade que oferecesse beleza e higiene e exibisse as inovações tecnológicas da época. O projeto modernizador, destaca Costa (2010, p. 161), “[...] incluiu conquistas como a aviação, a imprensa, o voto feminino, o plano urbanístico da cidade do Natal e um maior dinamismo na vida dos seus habitantes”. Antes disso, indicadores como a ausência de calçamento e saneamento, a precariedade da coleta de lixo e distribuição de água, a iluminação pública proveniente das chamas dos lampiões, sinalizavam para uma cidade ausente de movimentos sociais, pacata, mais próxima ao mundo natural. De acordo com Henrique Castriciano, Natal era “uma cidade curiosa, mixto singular de bucolismo e de civilização em esboço” (CASTRICIANO *apud* MARINHO, 2008, p. 13). Corroborando com essa definição, Araújo (1995, p. 27) diz: “Natal dos anos 20 era um misto de província atrasada e deslumbrada e/ou assustada diante das novidades que se apresentavam na realidade”.

Nessa época, a geografia da cidade, segundo Cascudo em “O Novo Plano da cidade I: a cidade”, se dividia em três blocos: o da Ribeira, o da Cidade-Alta, o Ribeirinho. Esses blocos, acrescenta o escritor:

[...] estendem-se numa irregularidade coerente. Havia a coherencia do factor economico que era a facil remessa dos productos pela via maritima. A cidade segregada entre morros e mar não tinha sinão vagas nocções do commercio do interior que se escoava rumo ao sul, nos comboios lentos partidos do Seridó ou vindos do Piauíhy atravez de Ceará e Rio Grande do Norte; via Assú. A cidade isolada guardava

tenues liames interprovinciaes. O Potengy que déra nome à região, indicava o futuro da terra guiando para o mar os recursos realizados (CASCUDO, 2011, p. 106).

Neste texto, vislumbramos a intenção do escritor em registrar a forma como se dava o crescimento da cidade. Para o lado das Rocas e do Baldo, a cidade avançava em linhas tortas e sem nenhum planejamento, refletindo a verdadeira cidade do Natal. Para o lado que vai do leste ao sul, têm-se as construções que seguem o padrão moderno, com ruas traçadas racionalmente e com uma geometria monótona:

A cidade em conjunto poderia ser explicada em dois grandes arcos. Um antigo, irregular, atrabiliario, icorrigível em todo, parte tradicional, parte iniciadora da cidade centenaria, arco cuja extremidade tocam as Rocas e o Balde. A recta partida destes extremos marca a verdadeira cidade de Natal. O outro arco, parte moderna. Já racciocinada, um pouco monotona pela sizudez geometrica do enxadrezado, terá seus extremos tocando os dois do primeiro arco e correndo de leste a sul enquanto parte do norte ao oeste (CASCUDO, 2011, p. 109).

Todavia, ao longo da década de 20, essa perspectiva provinciana vai, aos poucos, assumindo um caráter urbano, como podemos observar no texto “O novo plano da cidade II: a Ribeira no Master Plan”, que fala das peculiaridades que cercam a urbanização de alguns bairros de Natal no processo de crescimento e planejamento que divide a cidade em dois espaços – o moderno e o tradicional:

Os elementos constitutivos num trabalho de urbanismo serão forçosamente aquelles que se relacionem e aperfeiçoem o aspecto esthetico da cidade aproveitando seus recursos em paysagem e conjuncto, a facilidade de circulação e viação urbanas, os transportes e recreios. A existencia do "Zoning" e a inevitável arte civica, dão a demão derradeira [...] A circulação será garantida pela ampliação das ruas e avenidas.

A impressão é de audacia muito respeitosa. Tudo ou quase tudo se poupou. Os traçados obedeceram a linha tradicional parallelas e verticaes ao rio. Apenas o braço do homem alinhou racciocinadamente os valores confuzos que herdamos em nome da cidade (CASCUDO, 2011, p. 110-114).

Aqui, visualizamos uma cidade ambientada dentro de um projeto de arquitetura moderna e planejada, com ares de cidade movimentada, que, apesar disso, preservaria o elemento herdado da cidade antiga.

A intenção de Câmara Cascudo, através da sua escrita, era situar esses dois movimentos que surgiram com o modernismo: a *Nova Natal*, fruto das transformações urbanísticas e culturais que surgiam por obra dos governantes; e a *Natal Antiga*, ainda presa às raízes, ao passado, quieta e serena (CASCUDO, 2011). Para tanto, a nova paisagem que se esboçava nas ruas e bairros da cidade deveria ser construída juntamente com o elemento da antiga arquitetura que formava a identidade e a tradição da cidade, de modo que “O aspecto total apresentará uma harmonia da nossa Cidade tradicional com sua paisagem corrigida pela inteligência” (CASCUDO, 2011, p. 110).

É o que temos, a saber, nas crônicas “Natal à noite” e “A noite em Natal”. A primeira publicada no livro *Joio*, em 1924, e a segunda publicada no jornal *A Imprensa*, também em 1924. Nesses dois textos, Câmara Cascudo, na tarefa de cronista e contador de histórias, percorreu e observou as ruas de Natal tal qual um *flâneur*.

Em seus estudos sobre Baudelaire e a modernidade, no artigo intitulado “Sobre a Modernidade”, Walter Benjamin (1989) mostrou como a cidade criou esse tipo detentor de todas as significações urbanas, que observa a cidade, o seu perto e o seu longe, o seu presente e o seu passado, levando a vida para cada lugar que vê.

O homem moderno descobre nas ruas um espaço para caminhar, típico do *flâneur*, e um espaço de compartilhamento das práticas sociais. Para Certeau (1998), a cidade e suas diferentes interpretações são percebidas como uma linguagem textual que se constitui na prática do caminhar nas ruas. Daí o mesmo afirmar que uma das formas de tentar perceber a cidade é caminhar por ela, a fim de explorar os “desertos” da memória. A cidade, portanto, é um espaço portador de significados e de memória “que se aplica no resgate de discursos, imagens e práticas sociais de representação da cidade” (PESAVENTO, 2007, p. 15).

As crônicas de Cascudo se assimilam a essa realidade à medida que, de acordo com Arrais:

Lendo e saindo dos livros, se transportando de um lado para o outro, entre a literatura e a realidade, o cronista adquire os instrumentos para conversar com as ruas. Assim, dentro da cidade nova, as velhas ruas sussurram aos ouvidos do cronista os nomes e os vultos perdidos no tempo (ARRAIS, 2011, p. 52).

A exemplo disso, em “Natal à Noite”, temos um Cascudo que percorre as ruas de Natal, entre memórias e esquecimento, inspirando-se nas obras de Dickens, Forjaz Sampayo, Rembrandt, Eça de Queiróz para evocar o cenário adormecido de uma cidade que assume um ar cosmopolita durante o dia e que se reveste do passado quando a noite

cai. Nesse passeio, o narrador nos revela uma cidade escura e silenciosa, mergulhada na calmaria da noite, longe da agitação e movimento da multidão das cidades modernas: “Quando o sol desaparece, quando o último Cinema escurece, quando o derradeiro bond se recolhe, um mundo estranho, bizarro, esquisito, enche Natal de sombra, de mysterio, de evocação” (CASCUDO, 1924, p. 16). Diante dessa descrição, visualiza-se o imbricamento de alguns elementos, tais como o passado com o presente, o regional com o urbano, todos relacionados ao processo de modernização.

Se não fosse a presença constante de elementos que simbolizam a modernização, poderíamos supor que a narrativa do autor refere-se exclusivamente à *Natal Antiga*. Contudo, em sua descrição, Cascudo deixa, também, traços de uma cidade urbana, vívida: “[...] os trilhos põem riscos d’ aço no seio branco das avenidas [...]. Ao longe, lá no meio, um navio dorme [...]. No meio da treva distante o farol pisca o olho vigilante” (CASCUDO, 1924, p. 17). De fato, o elemento moderno é o que possibilita a imersão do escritor no passado provinciano da cidade, de modo que penetramos nesses dois mundos que se constituem em um só durante essa caminhada: a *Natal Antiga* e a *Nova Natal*.

A dicotomia novo-antigo, progresso-tradição, marca toda a experiência urbana de Câmara Cascudo e, por conseguinte, os seus textos. O escritor reconhecia que as cidades são constituídas por um “[...] misto de tradição e modernidade, sendo esses dois elementos a marca principal das transformações ocorridas nas vidas das pessoas, das cidades” (FERREIRA, 2010, 127). Cascudo era um defensor da modernização, uma vez que ela possibilitou as inovações através das quais foi possível o crescimento da cidade. Ao mesmo tempo, via com preocupação esse avanço, ressaltando que os hábitos citadinos poderiam fazer desaparecer a identidade pessoal que revela a história do seu povo. Na crônica “A taça florida”, o escritor lamenta que o ritmo acelerado da vida, próprio das sociedades modernas, tenha ajudado no desaparecimento de costumes antes tão presentes entre os moradores de Natal, como o cultivo de flores:

A vida apressou o ritmo e essas flores desapareceram. Não falo em begônias, em violetas, em orquídeas, em parasitas de trato e flores de luxo. As nossas, aquelas cujos nomes sabemos de cor, invariáveis nos nossos terreiros de mancha e boca-de-ferro, essas cuja presença denunciava o lar e eram tratadas por doce mão de mulher recatada, dessas é que tenho saudade (CASCUDO, 2011, p.93).

Diante disso, Câmara Cascudo acreditava que a cidade podia ser modificada, contanto que se mantivessem conservados os seus aspectos mais tradicionais, seja na arquitetura, na urbanização ou nos aspectos culturais. A intenção de escritor potiguar, destaca Ferreira (2009), era compor a sua obra com características próprias da cultura regional sem necessariamente cair no discurso limitador da postura regionalista, unindo os elementos locais da província natalense aos assuntos ligados ao moderno.

Ao contrário de “Natal à Noite”, no qual tínhamos uma cidade sintonizada com o processo de modernização, a crônica “A noite em Natal” evoca um cenário de pouca movimentação noturna, silenciosa, devido à pouca luminosidade das ruas e à iniciativa da população, trazendo à tona elementos da Natal antiga, pacata, ausente de movimentos sociais, mais próxima ao mundo natural: “Natal à noite. Estamos vendo uma cidade quieta como se aprendesse o movimento com as múmias faraônicas” (CASCUDO, 2011, p. 69). Aqui, Cascudo mergulha na noite das ruas da cidade para lamentar o ambiente atrasado que a vida noturna oferece aos seus moradores, fato que não condiz com a posição de cidade moderna da outra crônica. Mais adiante, o cronista aponta para pequenos grupos que se reúnem apesar da semiescuridão, vislumbrando uma possível mudança de comportamento: “Sob a luz (quando há) das lâmpadas amarelas arrastam, meia dúzia de criaturas magras [...] um filme no Royal ou Rio Branco ou pôquer sonolento no Natal club” (CASCUDO, 2011, p. 69). Frente a essa realidade, Cascudo deixa transparecer o desejo de ver surgir na capital lugares apropriados a encontros sociais: “Não possuímos o instinto do ‘salão’, do ambiente, do ajuntamento [...] O hábito de palestra não é brasileiro” (CASCUDO, 2011, p. 69). Em face disso, o autor ansiava por um movimento que aproximasse a população, de modo a dinamizar a vida urbana. A esse respeito, destaca Arrais (2011, p. 39): “Cascudo é o intelectual inspirado pelo desejo de ação: as suas crônicas revelam o desejo de agir sobre o meio, reformá-lo, conduzir os rumos do futuro da cidade”. Em muitos dos seus textos, ele convida os moradores da cidade a frequentar praças e cerimônias públicas, para tornarem-se mais atuantes frente à comutação que a sociedade passava. Na crônica “E a nossa universidade popular?”, ele desabafa: “O que todos nós carecemos é de uma sociedade que uma vez por mês, para muita ou pouca gente, ofereça uma palestra que deixe alguma coisa. Alguma coisa que não sabemos ou sabemos pouco” (CASCUDO, 2011, p. 89).

O diálogo existente entre as duas crônicas, “Natal à Noite” e “A noite em Natal”, possibilita um entendimento do passado para, dentre outras questões, tematizar

o processo de urbanização da cidade do Natal e, conseqüentemente, ajudar na construção de significados sobre a história da cidade. Em “Natal à Noite”, Cascudo intenciona aproximar Natal de outros centros urbanos, para tanto, acaba projetando na sua escrita uma cidade, embora real, que assume traços do imaginário. Por sua vez, em “A noite em Natal”, a cidade assume características ainda provincianas, marcada pelo atraso, que aos poucos vai se reconstituindo em nome da modernização, mas que muito possivelmente não chegará a se comparar aos grandes centros urbanos, sobretudo por conta dos costumes já bastante arraigados no cotidiano dos moradores.

Esse contraponto é interessante porque nos permite aproximar a construção que Câmara Cascudo percebe sobre a cidade do Natal da simbologia proposta por Calvino (2003) das cidades invisíveis, nos orientando a ver, nas cidades reais, uma projeção imaginária dos espaços, apenas sensível aos olhos daqueles que traduzem em palavras as representações, factíveis ou não, desses cenários construídos.

A crônica “Cidade do Natal do Rio Grande do Norte”, publicada na *Revista de Antropofagia*, em 1928, complementa essa análise ao possibilitar, também, uma leitura urbana da cidade. Uma leitura diferenciada porque imprime na sua escrita a vertiginosidade dos centros urbanos, por meio da construção de frases curtas e diretas que descrevem a cidade, percorrendo a vida civilizada dos natalenses e, ao mesmo tempo, rememorando a tradição e o passado da cidade:

35000 patriotas. Fundada em 1599. Nasceu cidade como filho de Rei é príncipe. [...] Tem um rio e tem um mar. Campo da Latecoere. Tennis. Cinemas. Dois jornaes diários. As mulheres votam. O presidente guia automóveis e viaja de avião [...] Avenidas abertas para todos os ventos. Sem escuros [...] Arvores aparadinhas estilo Nuremberg. Ruas calçadas, macias no escorrego das descidas. Raros-raros “mi dê umaesmola” [...] Bois. Bumba-Meu-Boí pedindo cinco dedos para riscar em papel aquelas toadas maravilhosas [...] Luar impassivelmente romântico. Serenatas. Violões gementes assanhando pruridos nostálgicos (CASCUDO, 1928, p. 3).

Este texto revela o processo de modernização por que Natal passava, dando ênfase ao progresso urbano e social que se entrevia nas ruas da cidade, como a quase inexistência da pobreza, fruto das políticas municipais de repressão à mendicância. Lado a essa realidade, Câmara Cascudo aponta para a importância de se manter viva a tradição cultural e as festas populares, como sinal de permanência da identidade cultural. Tal relação de equilíbrio entre tradição local e modernidade é reforçada pelo escritor no texto “O passado vivo” (1991), em que diz:

Para viver isto tudo, não abro livros, não folheio pergaminhos, não vou à biblioteca, não passeio pelos velhos logradouros.

Visito um parente, um velho alto, magro, de testa ampla, mãos esguias e longas de fidalgo, bocca de labios estreitos, bigodinho pequeno e petulante de antigo “moço do Rei” [...]: - é o professor Joaquim Lourival Soares da Camara.

É chronica viva, a lenda fallando, o ultimo cantor das glorias passadas. (CASCUDO, *apud* FERREIRA, 2000, p. 47).

A partir desse trecho, percebemos como o aspecto da memória será valorizado como elemento de produção literária do urbano. Para Câmara Cascudo, o moderno e o tradicional deveriam andar de mãos dadas, assim ele defende na crônica “Proteção da Alegria Popular”: “Para o moderno, o progresso é uma continuação. O homem de Estado nunca é um ponto de partida. É sempre uma somma de atividades. Uma coordenada energetica” (CASCUDO, 2011, p. 100), uma vez que as transformações modernas sem a devida preservação do tradicional trariam efeitos destrutivos para a cultura popular: “[...] todas as festas tradicionais morrerão. Morrerão como uma lagoa vai se secando. Com lentidão e sem parar de secar” (CASCUDO, 2011, p. 69, p. 102). Por isso, a preocupação especial na preservação das manifestações típicas do seu povo: “[...] precisamos defender as nossas festas populares. Bumba-meu-boi, Congos e Cheganças devem ter proteção e ambiente. Para que não emigrem para outro mundo depois de terem vivido tanto tempo” (CASCUDO, 2011, p. 100).

Em “Notas da philologia folklorica” (1929) o escritor ressalta, mais uma vez, para a importância de se conservar a memória popular:

O sertão está esperando (e esperará pouco tempo porque dia a dia se transforma e desaparece) um analista do seu linguajar. Um cotejo com o portuguez velho traria surpresas. Especialmente para quem vive collando disticos de “regionalismos” em todo vocabulo cuja origem não se dá o trabalho de procurar (CASCUDO, *apud* FERREIRA, 2000, p. 101).

Desse modo, a preservação da memória cultural representa o verdadeiro espírito modernista, tendo em vista a sua essência de se conhecer a realidade cultural brasileira, possibilitando a construção de uma identidade nacional que se esboça na junção do elemento tradicional com o elemento moderno.

Tendo em vista esses dois espaços – o físico e o da memória – que compõem o cenário urbano, segundo palavras de Calvino (2003), para descrever uma cidade existem duas maneiras: a primeira consiste numa descrição física, sobre o número de casas, de

chaminés, de construções, etc. A segunda forma é feita a partir do depoimento de um morador da cidade, um cameleiro, ou seja, alguém acostumado a andar por espaços diferentes e, mais precisamente, por desertos. Em suas crônicas, Câmara Cascudo utilizou os dois métodos de descrição. Os tipos humanos eram tão importantes quanto os avanços urbanos e sociais. A partir disso, discursa Arrais (2011, p. 51):

São incontáveis os indivíduos que, nos perfis traçados por Cascudo, parecem conservar uma espécie de fidelidade àquele “espírito do lugar”, constante, etéreo, que se impregna em seus moradores, especialmente naqueles “tipos representativos” da cidade.

Na crônica “O doutor Antunes”, como exemplo, Cascudo dedica suas páginas a descrição de um médico natalense da época: “Doutor Francisco de Paula Antunes!... alto, escanifrado, magríssimo, olhar fura-bolo, escleróticas pintadas de amarelo, hirtó, seco, impossível, fanhoso, imperturbável, soleníssimo” (CASCUDO, 2011, p. 186). Ao dar vida a um tipo comum, Cascudo abrange todos os tipos humanos, bem como aborda assuntos como a solidão urbana, o ritmo acelerado da cidade moderna, alcançando o universal através do local. Ademais, a caracterização dessas personagens é o meio encontrado pelo escritor de reconstituir a história de Natal, como sublinha Arrais (2011, p. 53): “[...] na busca dos traços do passado, o cronista se refere às histórias que circulam entre os natalenses”.

É o que retrata, também, a crônica “Junqueira Ayres”, na qual o autor lamenta que as gerações anteriores não tenham tido o cuidado de preservar o nome do personagem, que é lembrado apenas pelo nome da rua e no livro de História: “Para nós está esquecido. Nada vive que lhe recorde o passado. A geração que o conheceu dispensou-se de justificá-lo para a nossa” (CASCUDO, 2011, p. 116). Para complementar, no texto “Toponymia de Natal” (1929), Cascudo relembra a tradição popular de nomear as ruas. Nosso escritor defende que se conserve esse traço, pois, segundo ele, é um traço bem brasileiro, está na alma coletiva:

Quem dá nome a rua é o povo. Rua velha, nome velho [...] Convinha uma revisão toponymica em Natal. Conservar oficialmente as denominações que têm séculos de vida na alma colectiva. [...] Mantenha o nome de ruas das Virgens. Deixem a rua Santo Antonio ter o seu nome que é do século XVIII [...] Conservem a physionomia sonora da cidade que lhe é dada por estas designações burlescas e curiosas[...] É mais honesto, mais logico, mais brasileiro (CASCUDO, *apud* FERREIRA, 2000, p. 109-110).

Desse modo, a recuperação do passado e a preservação do presente seria a forma encontrada pelo cronista de não deixar cair no esquecimento pessoas, nomes, ruas, vestígios, fatos, traços particulares da nossa cultura e do nosso povo.

Ao aproximar realidades distintas, como os avanços próprios da modernidade e o apego à tradição, Câmara Cascudo possibilita uma discussão de como esse período incidiu na reconfiguração cultural e social das cidades. Permite, ainda, um entendimento de que o moderno e antigo não são polos antagônicos na construção histórica e cultural das sociedades, ao contrário, são polos que confluem na representação identitária de um povo. Nos textos de Cascudo descobrimos uma cidade que deseja se fazer nova sem perder a memória que lhe faz antiga. Essa experimentação ambígua do viver na cidade nos permite refletir acerca da permanência da identidade diante dos avanços progressistas.

Vale ressaltar, ainda, que uma cidade não conta o seu passado, ela o contém escrito nas ruas, nas janelas, nos símbolos, nos homens. Nesse sentido, a obra de Cascudo inaugura uma escrita que comporta a tradição, a brasilidade, o urbano e o rural, propondo uma conciliação entre o velho e novo, o tradicional e o moderno, o passado e o presente. Seriam as transformações urbanas (iluminação pública, calçamento de ruas, inauguração de linhas de bondes) influenciando as práticas sociais (novas formas de pensar, de se vestir, de agir), sem romper com a história, a cultura, o popular. Ao discorrer sobre o tema, Araújo (1998, p. 58) sublinha:

Câmara Cascudo põe lado a lado elementos que, em disparidades, representam dois mundos distantes: um passado ainda atuante pela via da tradição que faz parte do dia-a-dia da cidadezinha (que é, no entanto, “capital”), e um presente que se ufana pela via da modernização. A modernidade, neste caso, consiste em (re)descobrir o país através da representação dos elementos formadores da sua cultura, e, ao mesmo tempo, descrever como um contraponto os elementos da modernização social que se inaugura.

A partir disso, o passado pode ser entendido como uma forma de reconstruir a cidade, sobretudo ao aproximar os homens e suas histórias, rememorando as vidas esquecidas pelo progresso. Segundo Ferreira (2000, p. 47), “[...] deslindar o passado através da rememoração é estabelecer com o presente e o futuro pactos de sobrevivência para o que estava obscuro ou trancafiado no depósito virtual do tempo, a memória”.

Considerando que a história da cidade está diretamente atrelada ao homem, é essencial estabelecer a ligação existente entre o ser humano e a própria arte de contar e rememorar histórias. Chauí (2000) ensina que lembrar é refazer, reconstruir com imagens e ideias de hoje, as experiências do passado. Para a filósofa, o lembrar ou o recordar revela uma das formas fundamentais de nossa existência: a relação com o tempo. Daí a necessidade dos indivíduos em reconstituir suas experiências de vida, lembrando e esquecendo os acontecimentos que fazem parte da sua história. Para reconstituir essas histórias e mantê-las vivas, Cascudo encontra nas suas vivências a marca fundamental da sua escrita. Na caminhada que o escritor nos proporciona, nos deparamos com personagens que compõem as memórias individuais e coletivas que caracterizam uma sociedade, um povo e suas crenças, nos sendo revelado, a partir disso, não apenas um espaço em transformação, mas, sobretudo, a sabedoria que emana do cotidiano, das gerações passadas e que constituem a identidade de um povo.

Nessa direção, os textos de Luís da Câmara Cascudo nos fazem conhecer uma identidade particular que permite pensar sua relação com a história e com as tradições que o cercam. Ao registrar sua memória pessoal, tomamos conhecimento de uma memória coletiva, inscrita nas lembranças das personagens que compõem essas narrativas. As marcas do tempo, presentes nas ruas e nas construções, permitem uma leitura do mundo, bem como dos espaços da vida, com as suas personagens e os acontecimentos da época.

Cascudo enxergava vida nas casas, nas personalidades locais, nos vizinhos, na natureza, colocando em cada coisa aquilo que desejava recordar, percorrendo “as ruas como se fossem páginas escritas” (CALVINO, 2003, p. 9). Com esse olhar, o escritor potiguar traçou os caminhos do sensível e imaginário, sempre à procura por “algo do mais e do outro” (CERTEAU, 1998, p. 188), trazendo para suas narrativas elementos simbólicos de um ontem e de um hoje e difundindo as imagens de uma sociedade em transformação. A cidade representada por Cascudo, real e imaginária, contém mistérios, beleza, símbolos, alegorias, tudo carregado de significados, memórias que desvelam impressões passadas. Ela é imaginária porque se projeta frente às transformações e, por sua vez, é real porque corre o risco de desaparecer na liquidez da modernidade.

Diante disso, escrever a cidade é registrar aquilo que pode ser esquecido posteriormente. A rua, além de lugar do caminhar do *flâneur*, é espaço que se transforma em testemunho coletivo, é o lugar da vida. Ao longo de toda a sua vida intelectual, Cascudo observou a cidade do Natal, estudou-a, procurou participar do seu

destino e integrar-se a ela, a fim de preservar o vivido do esquecimento. E indiscutivelmente obteve êxito, à medida que nos permite ler, enquanto espaço físico e mito cultural, as ruas que contam a nossa história.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. *Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte*. Natal: Ed. da UFRN, 1995.

ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de. A experiência modernista. *Asas de Sófia: ensaios cascudianos*. Natal: FIERN/SEISI, 1998. p. 43-59.

ARRAIS, Raimundo. Estudo Introdutório: o nascimento do cronista e o nascimento da cidade de Natal. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. 2.ed. Natal: EDUFRN, 2011. p.11-54.

ARRAIS, Raimundo. Posfácio. In: CASCUDO, Luís da Câmara. *História da cidade do Natal*. 4. ed. Natal: EDUFRN, 2010. p.623-648

BENJAMIN, Walter. A modernidade. In: BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo*. São Paulo: Brasiliense, 1989. p. 67-98.

CASCUDO, Luís da Câmara. Natal à noite. In: CASCUDO, Luis da Câmara. *Joio: páginas de literatura e crítica*. Natal: Off. Graph. d'A Imprensa, 1924. p.16-18.

CASCUDO, Luís da Câmara. Cidade do Natal do Rio Grande do Norte. *Revista de Antropofagia*, São Paulo, a.1, n.4, p.3, ago. 1928. Disponível em: <
<http://www.brasiliana.usp.br/bbd/handle/1918/060013-04#page/3/mode/1up>>. Acesso em: 8 mar. 2014.

CASCUDO, Luís da Câmara. *Crônicas de origem: a cidade do Natal nas crônicas cascudianas dos anos 20*. Organização e estudo introdutório de Raimundo Arrais. 2.ed. Natal: EDUFRN, 2011.

CASCUDO, Luís da Câmara. *O tempo e eu: confidências e proposições*. Natal: EDUFRN, 1998

CALVINO, Ítalo. *As cidades Invisíveis*. São Paulo: Biblioteca Folha, 2003.

CERTEAU, Michel de. Caminhadas pela cidade. In: CERTEAU, Michel de. *A invenção do cotidiano*. 3.ed. Petrópolis: Editora Vozes, 1998. p.169-191.

CHAUÍ, Marilena. *Um convite à filosofia*. São Paulo: Ática, 2000.

COSTA, Maria Suely da. Repercussões da vida cultural do Rio Grande do Norte nos anos 1920. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de (Orgs). *Regionalismo, Modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010. p.141-163.

FERREIRA, José Luiz. O Modernismo na Província: divulgação e produção poética. In: ROSADO, Isaura Amélia de Souza (org.); ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de (org.). *Bom dia Moderno potiguar*. Natal: FAPERN, 2009. p.101-113.

FERREIRA, José Luiz. Gilberto Freyre e Câmara Cascudo: perspectivas do elemento regional. In: ARAÚJO, Humberto Hermenegildo de; OLIVEIRA, Irenísia Torres de

LIMA, A. T. **Entre a memória e a cidade: a construção do espaço urbano...**

(organizadores). *Regionalismo, Modernização e crítica social na literatura brasileira*. São Paulo: Nankin, 2010. p.111-137.

FERREIRA, José Luiz. *Modernismo e tradição: leitura da produção crítica de Câmara Cascudo nos anos 20*. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2000.

MARINHO, Márcia Maria Fonseca. *Natal também civiliza-se: sociabilidade, lazer e esporte na Belle Époque natalense (1900-1930)*. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2008.

PESAVENTO, S. J. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, jul. 2007.

SEVCENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcias da ordem e ilusões do progresso. In: NOVAIS, Fernando; SEVCENKO, Nicolau. *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 7-48.